

Unidos, e junto a eles não se desenvolveu um modo de produção capitalista, mas escravista. Portanto, acontecimentos de uma surpreendente analogia, mas que ocorreram em meios históricos diferentes, levaram a resultados inteiramente distintos. Estudando cada uma dessas evoluções separadamente e comparando-as em seguida, encontraremos facilmente a chave deste fenômeno, mas nunca chegaríamos a ela com o *passé-partout*⁹ de uma teoria histórico-filosófica geral, cuja suprema virtude consiste em ser supra-histórica.

7 *Hob*, inglês: "multidão desordenada", populacho, plebe.

8 *Poor whites*, inglês: brancos pobres

9 *Passe-partout*, francês: "chave-mestra" que abre todas as portas.

Parte 2.3 V. Zaslitch e K. Marx

Introdução

Vera escreveu a Marx pedindo-lhe uma definição quanto à questão russa em fevereiro de 1881, momento crucial da história dos *narodniki*. Terra e Liberdade, o partido que conseguira galvanizar o movimento em meados da década de 1870, havia chegado a um impasse e se dividido em duas correntes principais: uma terrorista, cujo objetivo tático era o regicídio, aglutinada em A Vontade do Povo, e outra favorável à organização das bases trabalhadoras num projeto de mais longo prazo, liderada por Plekhanov, e organizada no partido A Partilha Negra. O núcleo deste último acabou emigrando para Genebra, recebendo aí a adesão de Vera Zaslitch. No início de 1881, Plekhanov, Axelrod, Deutch e Vera apresentavam-se ainda como *narodniki*, mas faziam um intenso balanço do passado político que os havia levado a uma posição à margem da principal corrente contestatória. Esta, liderada pelo comitê executivo de A Vontade do Povo, crescia em ousadia e terminou por liquidar Alexandre II em 1º de março de 1881. A resposta finalmente enviada por Marx foi escrita dias depois deste momentoso atentado.

No plano teórico, além de diversas correntes do pensamento *narodnik*, crescia uma tendência que veio a ser posteriormente conhecida como o marxismo legal, que se baseava no *O Capital* para defender

uma linha de reformas de cunho capitalista, com a conseqüente desintegração da comuna camponesa. Autores liberais também apoiavam-se em Marx para criticar o anacronismo de projetos socialistas na Rússia.¹

Diante deste quadro, Marx primou pelo cuidado: escreveu três longos rascunhos, detalhadamente corrigidos, que afinal foram guardados e substituídos por uma carta de duas páginas. Deve-se notar que estes rascunhos visavam a responder não só a Vera como também ao comitê executivo de A Vontade do Povo, que havia feito uma consulta análoga a Marx e recebido a promessa de uma brochura especialmente dedicada à questão russa, a qual aliás não chegou a ser escrita. Está claro, portanto, que Marx escrevia aqui aos *narodniki*, respondendo a uma questão formulada em termos típicos deste movimento.

Apesar da permissão expressa de Marx, sua carta não foi dada a público pelo grupo de Genebra. Pode-se especular que aguardaram inicialmente a publicação da brochura encomendada pelo comitê executivo. Contudo, depois da morte de Marx, os de Genebra estavam já rompidos com a tradição *narodnik*, em função de uma polêmica entre os *narodniki* e marxistas russos, suscitada pela publicação da *Carta a Otchestvienniie Zapiski*² por um periódico dos populistas. Assim, a não publicação da carta-resposta de Marx sugere um silenciamento ideologicamente motivado. Ela foi descoberta nos papéis de P.B. Akselrod, depois de sua morte, e publicada por B. Nikolaievski em *Iz Arkhiva-P.B. Akselroda*, Berlin, 1924.

Os três rascunhos, por outro lado, que constituíam um conjunto bem mais elaborado sobre a questão, não foram enviados por Engels aos marxistas russos apesar dos insistentes pedidos que faziam de análises mais detidas de seus mestres sobre as perspectivas revolucionárias em seu país³. Foram encontrados por D. Riazanov nos arquivos de Lafargue e publicados em *Arkhiv K. Marksa i F. Engelsa*, nº 1, 1924. Publicamos aqui somente o primeiro rascunho e a breve carta finalmente enviada por Marx a Vera Zasulitch.

Vera Ivanovna Zasulitch, 1849-1919

Heroína dos narodniki na fase violenta, Vera Zasulitch tornar-se-ia uma pioneira da difusão do marxismo na Rússia enquanto doutrina inspiradora de uma organização partidária.

Nasceu em 17 de julho de 1849, na província de Smolensk, de família de proprietários de terra remediados. Em 1867 começou a trabalhar no interior como secretária de um juiz de paz. Sob influência de O Que Fazer?, de N.G. Tchernichevski, aderiu a um movimento de opinião existente entre mulheres jovens que almejavam adquirir independência financeira. Transportou-se para São Petersburgo, onde trabalhou em uma pequena fábrica de mulheres, organizada em bases cooperativas. Frequentou então uma escola para moças, de nível elementar, onde conheceu a irmã de Sérgio Netchaev, que a pôs em contato com aquele controverso líder estudantil. Netchaev não conseguiu recrutá-la para a sua organização, mas encontrou nela uma simpatizante disposta a distribuir literatura e correspondência ilegais.

Detida em 1º de maio de 1869, devido ao caso Netchaev, cumpriu dois anos de prisão. Solta em março de 1871, mal teve tempo para visitar a família em Petersburgo e foi condenada a internamento nas longínquas províncias do império. Somente em dezembro de 1873 recebeu permissão para estabelecer-se no Sul da Rússia. Engajou-se então em círculos revolucionários locais, como a comuna anarco-bakunista de Kiev, que procuravam organizar protestos entre os camponeses. A repressão desferida sobre estes focos de agitação levou-a a viajar para a casa de sua irmã, Alexandra Uspienska, também deportada em conseqüência do caso Netchaev. Lá recebeu a notícia de que o Governador de São Petersburgo, general Trepov, durante uma visita a uma prisão da cidade, havia ordenado que um *narodnik*, à espera do julgamento, A. Iemielianov-Bogolubov, fosse chicoteado. Esta punição seria uma resposta à insolência do preso, que se havia recusado a tirar o boné diante do general. O chicote foi tão ferino, que Iemielianov-Bogolubov enlouqueceu. A organização Terra e Liberdade decidiu vingar-se do general, mas foi surpreendida pela ação de uma jovem, Vera Zasulitch, que em 24 de janeiro de 1878, no dia seguinte ao esperado julgamento de 193 *narodniki*, penetrou sozinha no gabinete do Governador Trepov e atingiu-o com um tiro de revólver. O atentado causou sensação na Rússia e no exterior, tornando-se um símbolo da evolução do movimento na direção da tática ativa, centrada em golpes armados. A figura de uma jovem abnegada e idealista terminou por conquistar o júri que, para a surpresa geral, declarou-a inocente, em meio a comemorações de júbilo dentro e fora do tribunal. A polícia interveio tentando raptá-la, houve tiros e mortos, mas Vera conseguiu fugir, escondendo-se

1 Ver os comentários de J. Plekhanov a este respeito na parte 1.2 desta antologia.

2 Ver na parte 2.2. desta antologia.

3 Ver a correspondência de Plekhanov com Engels na parte 2.7 desta antologia.

na casa de um dos redatores da revista *Otietchestvienniie Zapiski* e viajou ilegalmente para a Suíça.

Em 1879, depois da desintegração de *Terra e Liberdade*, Vera voltou à Rússia e assumiu, juntamente com Plekhanov, a direção da organização *A Partilha Negra*. Daí para a frente sua carreira seria estreitamente ligada à de Plekhanov, formando com ele o núcleo inicial do Partido Social Democrata russo. Em 1880 emigrou novamente para a Suíça, onde, num círculo de exilados russos e poloneses, ocorria uma polêmica sobre as relações entre populismo e marxismo. Foram estas discussões que a levaram a escrever a *Marx pedindo-lhe uma definição sobre o assunto*. Depois do rompimento com os narodniki, contribuiu para a divulgação do marxismo na Rússia, traduzindo a *Miséria da Filosofia*, de Marx e *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico e A Questão Social na Rússia*, de Engels.⁴ Escreveu vários trabalhos sobre a história do movimento revolucionário na Rússia na década de 1870 e um ensaio sobre as concepções histórico-filosóficas de Rousseau, que mereceu o interesse de historiadores do Iluminismo.

Nas divergências que viriam dividir o Partido Social Democrata entre bolcheviques e mencheviques, Vera Zaslitch ficou com os segundos. No congresso da Social Democracia russa de 1903, onde teve início aquela divisão, Vera ficou ao lado de I. Martov, que propunha um partido amplo, em oposição a proposta de Lenin de um pequeno partido de revolucionários profissionais. No mesmo congresso, Lenin propôs uma redução no número dos editores do órgão do comitê central, *Iskra*, de 6 para 3: Plekhanov, Martov e Lenin – Vera Zaslitch, uma das fundadoras do periódico, deveria ser deixada de fora, juntamente com Axelrod e Potresov. A proposta de Lenin venceu por dois votos, margem que deu origem ao nome bolcheviques (homens da maioria). A derrubada destes veteranos causou uma comoção que levou os mencheviques (homens da minoria) a boicotar *Iskra* por um certo período, sendo que Martov abdicou da sua posição no corpo editorial.

A disputa pelos cargos era paralela às divergências políticas, sendo Vera Zaslitch uma das principais proponentes de uma linha de aliança entre partidários do socialismo e do liberalismo. Na polarização seguinte entre as frações originárias da Social Democracia russa, Vera Zaslitch acompanhou Plekhanov em sua oposição ao partido liderado por Lenin. Morreu em Petrogrado, em 1919.

⁴ Ver a parte 2.1 desta antologia.

Vera Zaslitch a Karl Marx

Genebra, 16 de fevereiro de 1881⁵

Caro Cidadão

O senhor sabe, com certeza, que *O Capital* goza de grande popularidade na Rússia. Os poucos exemplares que escaparam à apreensão são lidos e relidos por uma grande quantidade de pessoas, mais ou menos instruídas, no nosso país. As pessoas o estudam com grande seriedade. Mas provavelmente o senhor não está consciente do papel que *O Capital* desempenha em nossas discussões sobre a questão agrária na Rússia e sobre a nossa comuna rural, mas sabe melhor do que ninguém da grande importância deste assunto na Rússia. O senhor conhece o que Tchernichevski pensou a respeito. Nossa literatura progressista, como por exemplo "*Otietchestvienniie Zapiski*", desenvolve ainda as suas idéias. Em minha opinião esta é uma questão de vida ou morte, especialmente para o nosso partido socialista. A variação de um ponto de vista a outro pode decidir até mesmo o destino pessoal dos nossos revolucionários socialistas. Das duas, uma: ou esta comuna rural – liberada das excessivas pressões fiscais, das indenizações aos grandes proprietários rurais e da arbitrariedade administrativa – será capaz de desenvolver o caminho socialista, isto é, de organizar gradualmente sua produção e a divisão de seus produtos em bases coletivas, caso em que

⁵ Traduzido da versão polonesa, FSNR, Vol. II, p. 665 ss.

o revolucionário socialista deverá dedicar todas as suas forças para a libertação e o desenvolvimento da comuna; ou, ao contrário, a comuna está condenada à ruína, caso em que ao socialista nada resta senão dedicar-se a cálculos mais ou menos justificados sobre quantos anos levará para que a terra do camponês russo passe às mãos da burguesia, quantas centenas de anos serão, quem sabe, necessárias para que o capitalismo alcance na Rússia o nível da Europa Ocidental. Deverá então limitar-se ao trabalho de propaganda unicamente com o operariado urbano, o qual será constantemente inundado por levas de camponeses lançados pela desintegração da comuna para as ruas das grandes cidades à procura de trabalho.

Ultimamente ouve-se com freqüência a opinião de que a comuna rural é uma forma arcaica, condenada à desintegração pela História e pelo socialismo científico (em suma, por tudo que está acima de discussões). Os porta-vozes desta opinião intitulam-se seus discípulos, são marxistas.⁶ Freqüentemente, seu argumento mais forte é: "Assim disse Marx".

- Mas como deduzir isto de *O Capital*? - pergunta-se a eles. - Marx não se ocupa lá da questão agrária e não fala da Rússia.

- Ele assim diria, caso se referisse ao nosso país - respondem seus discípulos, talvez já um pouco menos seguros de si.

O senhor há então de compreender o quanto nos interessa um pronunciamento seu sobre este problema, e o quanto nos ajudaria caso expressasse as suas opiniões sobre as seguintes questões: que futuro pode haver para a nossa comuna rural? Será verdade que todos os países do mundo devem, por uma necessidade histórica, passar por todas as fases da produção capitalista?

Tomo a liberdade de pedir-lhe, em nome de meus amigos, que nos preste este serviço. Caso o tempo não lhe permita desenvolver suas idéias de maneira mais ou menos detalhada, faça o favor de responder em uma carta, a qual peço licença para traduzir e publicar na Rússia.

Queira aceitar, Cidadão, minhas mais respeitadas saudações.

Vera Zasulich

Meu endereço:
Gráfica Polonesa
Rue de Lausanne, nº 49
Genebra

⁶ Trata-se dos lavrovistas do último período, do círculo de A. Taxis e Murashkintsev. Estas idéias seriam mais desenvolvidas pelos marxistas legais na década seguinte. Sobre Lavrov e seus seguidores, ver partes 1.1 e 1.3 desta antologia.

Karl Marx a Vera Zasulich

Fevereiro - Março de 1881

Primeiro Rascunho¹

1º) Tratando da gênese da produção capitalista, eu disse [que seu segredo é] que há, no fundo, "a separação radical entre o produtor e os meios de produção" (p. 315, coluna I, ed. francesa de *O Capital*) e que

"a base de toda esta evolução é a *expropriação dos cultivadores*. Até agora, só na Inglaterra ela se completou de modo radical... Mas todos os outros países da Europa Ocidental percorrem o mesmo movimento" (idem, *ibidem*, col. I).

Portanto, eu restringi *expressamente* a "fatalidade histórica" deste movimento aos países da *Europa Ocidental*. Por quê? Consulte, por favor, o capítulo XXXII, onde se lê:

"O movimento de eliminação que transforma os meios de produção individuais e dispersos em meios de produção socialmente concentrados, que faz da propriedade minúscula do grande número a propriedade gi-

¹ Sobre a origem deste texto, ver nota introdutória, pp. 165-166. Traduzido do original francês conforme edição de M. Godelier, *Sur les Sociétés Pré-Capitalistes...* etc. Os colchetes no texto indicam passagens riscadas por Marx. Colchetes dentro de colchetes indicam cortes dentro de cortes. Respeitando o caráter de rascunho do original, evitamos "melhorar" a tradução com alterações estilísticas.

gantesca de uns poucos, esta dolorosa, esta monstruosa expropriação do povo trabalhador, tais são as origens, tal é a gênese do capital... *A propriedade privada capitalista*, fundada sobre a exploração do trabalho alheio, sobre o trabalho assalariado." (p. 340, col. II)

Assim, em última análise, *ocorre a transformação de uma forma de propriedade privada em outra forma de propriedade privada* [movimento ocidental]. Se entre os camponeses russos a terra jamais foi *propriedade privada*, como atribuir esse desenvolvimento à Rússia?

2º) Do ponto de vista histórico, o único argumento sério em favor da *dissolução fatal* da comuna dos camponeses russos é o seguinte:

Recuando-se bastante, encontra-se por toda parte na Europa Ocidental a propriedade comum de um tipo mais ou menos arcaico; e em toda parte ela desapareceu com o progresso social. Por que somente na Rússia ela haveria de escapar à mesma sorte?

Eu respondo: porque na Rússia, graças a uma combinação de circunstâncias únicas, a comuna rural, ainda estabelecida em escala nacional, pode desembaraçar-se gradualmente de seus caracteres primitivos e desenvolver-se diretamente como elemento da produção coletiva em escala nacional. É justamente graças à contemporaneidade da produção capitalista que ela pode apropriar-se de todas as conquistas positivas desta última, sem passar por suas peripécias terríveis. A Rússia não vive isolada do mundo moderno, nem é presa de um conquistador estrangeiro, como as Índias Orientais.

Se os aprendizes de capitalistas russos negam a possibilidade *teórica* de tal evolução, eu lhes pergunto: para utilizar as máquinas, os barcos a vapor, as ferrovias etc., teria a Rússia sido forçada, como o Ocidente, a passar por um longo período de incubação da indústria mecânica? Que me expliquem também como puderam introduzir entre eles, num piscar de olhos, todo o mecanismo de trocas (bancos, instituições de crédito etc.), cuja elaboração custou séculos ao Ocidente?

Se no momento da emancipação as comunas rurais tivessem, antes de tudo, sido colocadas em condições de prosperidade normal; se, em seguida, a imensa indenização paga, em sua maior parte à custa dos camponeses, além de outras somas enormes concedidas por intermédio do Estado (e sempre à custa dos camponeses) aos "novos pilares da sociedade" transformados em capitalistas – se todos esses gastos tivessem servido ao *desenvolvimento ulterior* da comuna rural, ninguém sonharia agora com a "fatalidade histórica" do aniquilamento da comuna: todos reconheceriam nesta o elemento de regeneração da sociedade e um elemento de superioridade sobre os países ainda submetidos ao regime capitalista. [Não é somente a contemporaneidade da produção capitalista que poderia fornecer à comuna russa os elementos de desenvolvimento.]

Outra circunstância favorável à conservação da comuna russa [como via de desenvolvimento] consiste em que ela não só é contemporânea da produção capitalista [nos países ocidentais], mas que sobreviveu à época em que o sistema social ainda se apresentava intacto, que, ao contrário, ela o encontra, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, em luta com a ciência, com as massas populares e com as próprias forças produtivas por ele engendradas. [Em suma, que ele se transformou em arena de antagonismos gritantes, conflitos e desastres periódicos, que ele se revela, mesmo aos mais cegos, como um sistema de produção transitório, destinado a ser eliminado pelo retorno da sociedade à...]

Então, ela o encontra numa crise que só terminará com a sua eliminação, com o retorno das sociedades modernas ao tipo arcaico da propriedade comum, forma em que – como disse um autor americano² absolutamente insuspeito de tendências revolucionárias, financiado em seu trabalho pelo governo de Washington – ("o plano superior") o novo sistema para o qual tende a sociedade moderna "será um renascimento (*a revival*) em uma forma superior (*in a superior form*) de um tipo social arcaico". Portanto, não há por que ter medo da palavra arcaico.³

Isso posto, seria ao menos necessário conhecer suas vicissitudes. Sobre isso nada sabemos.⁴ De um modo ou de outro, esta comuna pe-

2 Referência a Morgan, L. H. – *Ancient Society*... London, 1877, p. 552.

3 Esta frase, encontrada na edição polonesa, não consta da edição francesa.

4 A edição polonesa traz no texto a seguinte passagem que aparece em nota na edição francesa:

"A história da decadência das comunidades primitivas (seria um erro incluí-las todas em um mesmo tipo; como nas formações geológicas, existe nas formações históricas toda uma série de tipos primários, secundários, terciários etc.) ainda está por ser feita. Até o presente, só frágeis esboços foram construídos. Em todo caso, as investigações já avançaram o suficiente para afirmar:

1. que a vitalidade das comunidades primitivas era incomparavelmente maior que a das sociedades semitas, gregas, romanas etc. e, *a fortiori*, que a das sociedades capitalistas modernas; 2. que as causas de sua decadência derivam de condições econômicas que as impediram de ultrapassar um certo grau de desenvolvimento, de meios históricos de modo algum análogos ao meio histórico da comuna russa de hoje.

[Alguns escritores burgueses, principalmente os de extensão inglesa, como por exemplo Sir Henry Maine, têm acima de tudo o objetivo de mostrar a superioridade e fazer o elogio da sociedade, do sistema capitalista. Gente apaixonada por este sistema, incapaz de compreender a...]

Ao ler as histórias das comunidades primitivas escritas por burgueses, é preciso estar atento. Eles não recuam [diante de nada] mesmo diante da falsidade. Sir Henry Maine, por exemplo, que foi um ardente colaborador do governo inglês em sua obra de violenta destruição das comunidades hindus, conta-nos hipocritamente que todos os nobres esforços do governo em sustentar estas comunas esbarraram na força espontânea das leis econômicas! (Maine, H. S. – *Village – Communities in the East and West* London 1871.)

receu em meio a incessantes guerras, externas e internas. Morreu provavelmente de morte violenta quando as tribos germânicas conquistaram a Itália, a Espanha, a Gália etc. A comuna do tipo arcaico já não existia. Contudo, sua *vitalidade natural* é provada por dois fatos. Dela existem alguns exemplares dispersos que sobreviveram a todas as peripécias da Idade Média e se conservaram até os nossos dias, como por exemplo em meu país natal, no distrito de Treves. Porém, o mais importante é que ela imprimiu tão bem seus próprios caracteres à comuna que a sucedeu – comuna onde a terra arável tornou-se propriedade privada, enquanto os bosques, pastos, terras incultas etc., continuam sendo propriedade comunal – que Maurer, decifrando esta comuna (de origem mais recente) de formação secundária, pode reconstruir o protótipo arcaico. Assim, graças aos caracteres que dele herdou, a nova comuna, introduzida pelos germanos em todos os países conquistados, tornou-se o único recanto de liberdade e vida popular durante a Idade Média.

Se nada sabemos sobre a vida da comuna [germânica], [rural] [arcaica] na época posterior a Tácito, nem sobre o tempo e o modo de sua desapareição, conhecemos ao menos o ponto de partida, graças ao relato de Júlio César. Em sua época, a terra [arável] já era repartida anualmente, mas entre as gens (*Geschlechter*) e não ainda entre os membros individuais de uma comuna. A comuna [agrícola] rural descende, portanto, na Germânia, de um tipo mais arcaico. Ela foi o produto de um desenvolvimento espontâneo e não inteiramente importada da Ásia. Também a encontramos nas Índias Orientais e sempre como o *marco* final ou o último período da formação arcaica.

Para avaliar [agora] os destinos possíveis [da “comuna rural”] de um ponto de vista puramente teórico, isto é, supondo sempre condições de vida normal, eu precisaria esboçar agora certos traços característicos que distinguem a “comuna agrícola” dos tipos mais arcaicos.

Antes de tudo, todas as comunidades primitivas anteriores repousam sobre o parentesco natural de seus membros; rompendo este vínculo forte, porém estreito, a comuna agrícola torna-se mais capaz de se adaptar, de se estender e de ampliar o contato com estrangeiros.

Depois, nela, a casa e seu terreno circundante já são propriedades privadas do cultivador ao passo que, muito antes da introdução da agricultura, a casa comum foi uma das bases materiais das comunidades precedentes.

Enfim, ainda que a terra arável continue sendo propriedade comunal, ela é dividida periodicamente entre os membros da comuna agrícola, de modo que cada cultivador explora por conta própria os campos a ele atribuídos e se apropria individualmente dos frutos, enquanto nas comunidades mais arcaicas a produção se faz em comum, repartindo-se somente o produto. Esse tipo primitivo da produção co-

letiva ou cooperativa foi, evidentemente, o resultado da fraqueza do indivíduo e não da socialização dos meios de produção.

Compreende-se facilmente que o dualismo inerente à comuna agrícola pudesse dotá-la de uma existência vigorosa. A propriedade comum e todas as relações sociais que dela resultam dão-lhe uma base sólida, ao mesmo tempo em que a casa privada, o cultivo parcelar da terra arável e a apropriação privada de seus frutos admitem um desenvolvimento da individualidade incompatível com as condições das comunidades mais primitivas. Porém não é menos evidente que esse mesmo dualismo pode, com o tempo, tornar-se fonte de decomposição. Além de todas as influências do meio hostil, a própria acumulação gradual da riqueza mobiliária, que começa pela riqueza em animais (e mesmo a riqueza em servos), o papel cada vez mais importante que o elemento mobiliário desempenha na agricultura e muitas outras circunstâncias inseparáveis desta acumulação, cuja exposição me levaria muito longe, agirão como um dissolvente da igualdade econômica e social e darão origem, no interior da própria comuna, a um conflito de interesses que leva inicialmente à conversão da terra arável em propriedade privada – bosques, pastos, terras incultas já convertidos em *anexos comunais* da propriedade privada. É por isso que a comuna agrícola se apresenta em toda parte como o *tipo mais recente* da formação arcaica das sociedades e que no movimento histórico da Europa Ocidental antiga e moderna o período da comuna agrícola aparece como período de transição da propriedade comum à propriedade privada, como período de transição da formação primária à formação secundária. Mas isto significa que em todas as circunstâncias (e em todos os meios históricos) o desenvolvimento da comuna agrícola deve seguir este caminho? Absolutamente. Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento de propriedade privada que ela implica sobrepujará o elemento coletivo ou este predominará sobre aquele. Tudo depende do meio histórico onde ela se encontra... Essas duas soluções são *a priori* possíveis, mas em favor de uma ou de outra são necessários, evidentemente, meios históricos inteiramente distintos.

3º) [Chegando agora à comuna agrícola na Rússia, deixo de lado, no momento, todas as misérias que a afligem. Trato apenas das possibilidades de um desenvolvimento ulterior que lhe são abertas por sua forma coletiva e seu meio histórico.]

A Rússia é o único país europeu onde a comuna agrícola manteve-se em escala nacional até os nossos dias. Ela não é presa de um conquistador estrangeiro, como as Índias Orientais. Tampouco vive isolada do mundo moderno. Por um lado, a propriedade comum da terra permite-lhe transformar direta e gradualmente a agricultura parcelar e individualista em agricultura coletiva [ao mesmo tempo em que a con-

temporaneidade da produção capitalista no Ocidente, com o qual ela mantém relações materiais e intelectuais...]- e os camponeses russos já a praticam nas pradarias indivisas; a configuração física do seu solo convida à exploração mecânica em grande escala; a familiaridade do camponês com o contrato do *artel* facilita-lhe a transição do trabalho parcelar ao trabalho cooperativo e, enfim, a sociedade russa, que durante tanto tempo viveu à sua custa, deve-lhe os avanços necessários a tal transição. Certamente se deveria começar colocando a comuna em estado normal sobre *sua base atual*, pois o camponês é, em toda parte, inimigo de qualquer mudança brusca. Por outro lado, a *contemporaneidade* da produção (capitalista) ocidental, que domina o mercado mundial, permite à Rússia incorporar à comuna todas as conquistas positivas do sistema capitalista sem passar por suas forças caudinas.

Se os porta-vozes dos novos pilares sociais negassem a possibilidade *teórica* dessa evolução da comuna rural moderna, poder-se-ia perguntar-lhes se a Rússia teve que passar, como o Ocidente, por um longo período de incubação da indústria mecânica para chegar às máquinas, aos barcos a vapor, às estradas de ferro etc. Também se perguntaria como fizeram para introduzir entre eles, num piscar de olhos, todo o mecanismo de trocas (bancos, sociedades por ações etc.) cuja elaboração (alhores) custou séculos ao Ocidente.

Existe uma característica da comuna agrícola russa que a debilita, que lhe é prejudicial em todos os sentidos. É seu isolamento, a ausência de ligações entre a vida das comunas, este *microcosmo localizado*, que não existe em parte alguma como característica imanente desse tipo, mas que em toda parte onde se encontra fez surgir sobre as comunas um despotismo mais ou menos central. A Federação das Repúblicas Russas do Norte prova que este isolamento, que parece ter sido primitivamente imposto pela vasta extensão territorial, foi em grande parte consolidado pelos fados políticos que a Rússia deveria suportar depois da invasão mongol. Atualmente ele é um obstáculo de fácil eliminação. Bastaria simplesmente substituir a *volost*,⁵ instituto governamental, por uma assembléia de camponeses escolhidos pelas próprias comunas, a qual serviria de órgão econômico e administrativo de seus interesses.

Uma circunstância bastante favorável, do ponto de vista histórico, à conservação da comuna agrícola pela via de seu desenvolvimento ulterior, consiste em que ela não somente é contemporânea da produção capitalista ocidental [de modo que ela] e pode assim apropriar-se dos seus frutos sem sujeitar-se a seu *modus operandi*, mas também que sobreviveu à época em que o capitalismo ainda se apresentava intato, e

5 *Volost*, pequeno distrito rural.

que, ao contrário, ela o encontra, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, em luta com as massas trabalhadoras, com a ciência e com as próprias forças produtivas que ele dá origem - enfim, em uma crise que terminará por sua eliminação, por um retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo arcaico da propriedade e da produção coletivas.

Entenda-se que a comuna evoluiria gradualmente e que o primeiro passo seria colocá-la em condições normais sobre *sua base atual*.

A situação histórica da comuna russa é sem igual. Caso único na Europa, ela se manteve não como fragmento esparso a exemplo das miniaturas raras e curiosas em Estados de tipo arcaico que até há pouco tempo existiam no Ocidente, mas como forma quase predominante da vida popular e estendida sobre um imenso império. Se ela tem na propriedade comum do solo a base (natural) da apropriação coletiva, seu meio histórico, a contemporaneidade da produção capitalista, proporciona-lhe, já elaboradas, as condições materiais do trabalho coletivo em grande escala. Portanto, ela é capaz de incorporar as conquistas positivas do sistema capitalista sem passar por suas forças caudinas. Ela pode suplantá-lo gradualmente a agricultura parcelar pela grande lavoura mecanizada, o que é solicitado pela configuração física da terra russa. Portanto, se pode constituir no *ponto de partida direto* para o sistema econômico, ao qual tende a sociedade moderna e trocar de pele sem que comece por suicidar-se. Seria preciso, ao contrário, começar por colocá-la em estado normal. (Mas não se trata apenas de eliminar um dualismo no interior da comuna rural, que ela poderia eliminar pela...)

Mas frente a ela ergue-se a propriedade fundiária, que domina quase a metade, e a melhor parte, do solo, sem mencionar os domínios do Estado. É sob esse aspecto que a conservação da comuna rural, pela via de sua evolução ulterior, confunde-se com o movimento geral da sociedade russa, cuja regeneração tem este preço.

[Mesmo do ponto.] Mesmo do ponto de vista exclusivamente econômico, a Rússia pode sair de seu [..?..]⁶ agrícola por meio da evolução de sua comuna rural; em vão tentaria sair dela por meio [da introdução da] do arrendamento capitalizado à inglesa, o que repugnaria [ao conjunto] a todas as condições rurais do país.

[Assim, somente por meio de um levante geral poderia ser quebrado o isolamento da comuna rural, a ausência de ligação entre a

6 Esta palavra, indecifrável no manuscrito de Marx, trata-se, talvez, de "beco sem saída". No terceiro rascunho da mesma carta, encontra-se "impasse" na passagem correspondente. (Nota do editor francês.)

vida de uma e a das outras comunas, enfim, seu *microcosmo localizado* que lhe impede [toda] a iniciativa histórica.]

de todo
cu
na
outra
do
labor

[Teoricamente falando, a comuna rural pode, portanto, conservar seu solo – nele desenvolvendo a sua base, a propriedade comum da terra, e eliminando o princípio da propriedade privada que ela também implica; pode vir a ser um *ponto de partida direto* para o sistema econômico, ao qual tende a sociedade moderna; pode trocar de pele sem que comece por suicidar-se; pode apropriar-se dos frutos com os quais a produção capitalista enriqueceu a humanidade, sem passar pelo regime capitalista, regime que, considerado exclusivamente do ponto de vista de sua *duração* possível, dispõe de pouco tempo na vida da sociedade. Mas é preciso descer da teoria pura à realidade russa.]

alho
clar
x
alho
stuo

Fazendo-se abstração de todas as misérias que afligem atualmente a comuna rural russa e considerando apenas sua forma constitutiva e seu meio histórico, é, em primeiro lugar, evidente que uma de suas características fundamentais, a propriedade comum do solo, forma a base natural da produção e da apropriação coletivas. Ademais, a familiaridade do camponês russo com o contrato do *artel* facilitar-lhe-ia a transição do trabalho parcelar ao trabalho coletivo, que ele já pratica, em um certo grau, nas pradarias indivisas, nas drenagens e outros empreendimentos de interesse geral. Mas, a fim de que o trabalho coletivo possa suplantar, na agricultura propriamente dita, o trabalho parcelar – forma de apropriação privada – são necessárias duas coisas: a necessidade de tal transformação e as condições materiais para efetua-la.

Quando à necessidade econômica, ela se faria sentir na comuna rural a partir do momento em que esta fosse colocada em condições normais, ou seja, em que se retirassem os fardos que pesam sobre ela e que sua área de cultivo tivesse adquirido uma extensão normal. Foi-se o tempo em que a agricultura russa exigia apenas a terra e seu cultivador parcelar armado de instrumento mais ou menos primitivos (e da fertilidade da terra)... Esse tempo passou tanto mais porquanto a opressão do cultivador infecta e esteriliza o seu campo. Agora ele necessita do trabalho cooperativo, organizado em grande escala. Ademais, o camponês que não tem o necessário para o cultivo de seus três *déciatines* estará em melhor situação com um número dez vezes maior de *déciatines*?

verdade
de
nume
ros
acha
normal
valde

Mas onde encontrar o equipamento, os adubos, os métodos agrônômicos etc., em suma, todos os meios indispensáveis ao trabalho coletivo? Eis a grande superioridade da comuna rural russa sobre as comunas arcaicas do mesmo tipo. Somente ela, na Europa, manteve-se em vasta escala, em escala nacional. Encontra-se, assim, inserida em um contexto histórico no qual a contemporaneidade da produção capitalista proporciona-lhe todas as condições do trabalho coletivo.

capit 182
de Lavitovitch de

Pode incorporar as conquistas positivas do sistema capitalista sem passar por suas forças caudinas. A configuração física da terra russa convida à exploração agrícola pelo emprego de máquinas, organizada em ampla escala, [nas mãos] administrada pelo trabalho cooperativo. Quanto aos primeiros gastos de implantação – gastos intelectuais e materiais – a sociedade russa deve-os à comuna rural, a expensas da qual ela viveu tanto tempo e onde deve procurar seu elemento regenerador.

A melhor prova de que este desenvolvimento da comuna rural corresponde ao curso histórico de nossa época é a crise fatal sofrida pela produção capitalista nos países europeus e americanos, onde ela adquiriu o maior impulso, crise que terminará com sua eliminação, com o retorno da sociedade moderna a uma forma superior do tipo mais arcaico – a produção e a apropriação coletivas.

4º) [Passando da teoria à realidade, ninguém poderá ocultar que a própria existência da comuna russa encontra-se hoje frente a uma conspiração de forças e de interesses poderosos. Além de explorá-la incessantemente, o Estado facilitou, à custa dos camponeses, o estabelecimento de certos elementos do sistema capitalista – bolsa, bancos, ferrovias, comércio...]

Para se poder desenvolver, é preciso, antes de tudo, estar vivo e ninguém poderia ocultar que a vida da comuna rural está em perigo neste momento.

[A senhora sabe perfeitamente que hoje a própria existência da comuna russa está ameaçada por uma conspiração de interesses poderosos. Esmagada pelas exações diretas do Estado, explorada fraudulentamente pelos capitalistas intrusos, comerciantes etc. e pelos “proprietários” fundiários, ela é, ainda por cima, minada pelos usurários das aldeias, pelos conflitos de interesses provocados em seu próprio seio em consequência da situação a que foi levada.]

Para expropriar os cultivadores não é necessário expulsá-los de suas terras, como se fez na Inglaterra e em outros lugares; também não é necessário abolir a propriedade comunal por um *ukaz*.⁷ Arranque-se aos camponeses o produto de seu trabalho agrícola além de uma certa medida e, a despeito da polícia e do exército, não se conseguirá prendê-los a seus campos. Nos últimos tempos do Império Romano, decuriões provinciais, não camponeses, mas proprietários fundiários, abandonaram suas terras e até se venderam como escravos, tudo isso para se desembaraçarem de uma propriedade que não era mais do que pretexto oficial para esbulhá-los sem mercê e sem misericórdia.

7 *Ukaz* (russo): decreto, edito, em português, ucasse.

Desde a pretensa emancipação dos camponeses, a comuna russa foi colocada pelo Estado em condições econômicas anormais e, desde então, por ele submetida a uma opressão permanente por meio das forças sociais concentradas em suas mãos. Extenuada pelas exações fiscais, torna-se matéria inerte de fácil exploração pelo tráfico, pela propriedade fundiária e pela usura. Esta opressão, vinda de fora, desencadeou o conflito de interesses já existente no seio da própria comuna e rapidamente desenvolveu os germes de sua decomposição. Mas isso não é tudo. [À custa dos camponeses, ele [o Estado] criou, em condições de estufa, as excrescências de mais fácil aclimação do sistema capitalista: a bolsa, a especulação, os bancos, as sociedades por ações, as ferrovias - para os quais ele adianta os lucros, salda os déficits etc. etc.] À custa dos camponeses, o Estado [ajudou a fazer] criou como numa estufa os ramos do sistema capitalista ocidental que, sem desenvolver de modo algum as premissas produtivas da agricultura, são os mais adequados para facilitar e precipitar o roubo dos seus frutos por intermediários improdutivos. Assim, ele contribuiu para o enriquecimento de um novo verme capitalista que suga o sangue já escasso da comuna rural.

*Ontodo
ajudo
sobre
comuna* Em suma, o Estado [serviu de intermediário] favoreceu o desenvolvimento precoce dos meios técnicos e econômicos mais apropriados para facilitar a exploração do cultivador, ou seja, da maior força produtiva da Rússia, e para enriquecer os "novos pilares sociais".

5º) [Compreende-se à primeira vista o concurso dessas influências hostis que favorecem e que precipitam a exploração dos cultivadores, a maior força produtiva da Rússia.]

[Compreende-se à primeira vista que este concurso de influências hostis, a menos que haja uma reação poderosa, fatalmente levará, somente pela força das coisas, à ruína da comuna.]

Esse concurso de influências destrutivas, a menos que seja rompido por uma reação poderosa, deve naturalmente levar à morte da comuna rural.

*Logo
divulga
para
um da
campanha* Mas, pergunta-se: por que todos esses interesses (inclusive as grandes indústrias que estão sob a tutela governamental), que se beneficiaram com o estado atual da comuna agrária, conspirariam conscientemente para matar a galinha dos ovos de ouro? Precisamente porque eles pressentem que "este estado atual" já não pode manter-se, que, em consequência, o modo atual de explorá-la [não o é mais] já saiu de moda. A miséria do cultivador já infectou a terra, que se esteriliza. As boas colheitas [que as estações favoráveis arrancam-lhe em certos anos] são recompensadas com a fome. Ao invés de exportar, a Rússia deve importar cereais. A média dos últimos dez anos revela uma produção agrícola não apenas estagnada, mas regressiva. Enfim,

pela primeira vez a Rússia deve importar cereais ao invés de exportá-los. Logo, não há mais tempo a perder. É preciso acabar com isso. É preciso constituir em classe média rural a minoria mais ou menos rica dos camponeses e converter a maioria em simples proletários [em assalariados]. Por isso, os porta-vozes dos "novos pilares sociais" denunciam os flagelos impostos à comuna como sintomas naturais de sua decrepitude.

Se tantos e diversos interesses, sobretudo os dos "novos pilares sociais" erguidos sob o império benévolo de Alexandre II, beneficiaram-se com o *estado atual* da comuna rural; por que conspirariam conscientemente para sua morte? Por que seus porta-vozes denunciam os flagelos a ela impostos como provas irrefutáveis de sua caducidade natural? Por que desejam matar sua galinha dos ovos de ouro? Simplesmente porque os fatos econômicos, cuja análise me levaria muito longe, desvendaram o segredo de que *o estado atual da comuna não é mais sustentável* e que, somente pela necessidade das coisas, o modo atual de explorar as massas populares sairá de moda. Portanto, é preciso inovar, e o novo, insinuado sob as mais diversas formas, volta sempre a isto: abolir a propriedade comum, deixar constituir-se em classe média rural a minoria mais ou menos rica dos camponeses e converter a grande maioria em simples proletários.

[Não se pode ocultar que] de um lado, a comuna rural está reduzida quase ao extremo e, de outro, uma conspiração poderosa está à espreita, a fim de lhe desferir o golpe de misericórdia. Para salvar a comuna russa, é preciso uma revolução russa. De resto, os que detêm o poder político e social fazem o que podem a fim de preparar as massas para tal catástrofe. Ao mesmo tempo em que se sangra e tortura a comuna, esteriliza-se e pauperiza-se sua terra, os lacaios literários dos "novos pilares da sociedade" dizem ironicamente que os flagelos a ela impostos são sintomas de sua decrepitude espontânea e incontestável, que ela morre de morte natural e que abreviar sua agonia será uma boa ação. Aqui já não se trata mais de um problema a resolver: trata-se de um inimigo a derrotar. Não é mais, portanto, um problema teórico, [é uma questão a resolver, é simplesmente um inimigo a derrotar]. Para salvar a comuna russa, é preciso uma revolução russa. De resto, o governo russo e os "novos pilares da sociedade" fazem o que podem a fim de preparar as massas para tal catástrofe. Se a revolução for feita a tempo, se ela concentrar todas as suas forças, [se a parcela inteligente da sociedade russa], [se a inteligência russa concentrar todas as forças vivas do país] para assegurar um livre curso à comuna rural, logo ela se desenvolverá como um elemento regenerador da sociedade russa e como fator de superioridade sobre os países submetidos ao regime capitalista.

Karl Marx a Vera Zasulitch ¹

Londres, 8 de março de 1881

Cara cidadã,

Uma doença dos nervos que me tem atacado periodicamente nos últimos dez anos impediu-me de responder imediatamente à sua carta de 16 de fevereiro. Lamento não poder enviar-lhe uma exposição sucinta e destinada à publicidade sobre a questão que a senhora me concedeu a honra de propor. Faz meses que já prometi um trabalho sobre o mesmo assunto ao comitê de São Petersburgo ². Mas espero que algumas linhas sejam suficientes para não lhe deixar qualquer dúvida sobre o mal-entendido a respeito de minha suposta teoria.

Analisando a gênese da produção capitalista, eu digo:

"No fulcro do sistema capitalista está, portanto, a separação radical entre o produtor e os meios de produção... A base de toda esta evolução é a *expropriação dos cultivadores*. Até agora, só na Inglaterra ela se completou de modo radical... Mas *todos os outros países da Europa*

¹ Traduzido do original, francês, editado por M. Godelier, *Sur les Sociétés Pré-Capitalistes...*

² Comitê Executivo de A Vontade do Povo, a principal organização *narodnik*, de orientação terrorista.

no livro a Europa Ocidental

Ocidental percorrem o mesmo movimento.” (*O Capital*, edição francesa, p. 315)³

Portanto, a “fatalidade histórica” desse movimento está *expressamente* restringida aos países da Europa Ocidental. O porquê desta restrição é indicado na seguinte passagem do capítulo XXXII:

“A propriedade privada, fundada sobre o trabalho pessoal... será suplantada pela *propriedade privada capitalista*, fundada sobre a exploração do trabalho alheio, sobre o trabalho assalariado.” (l. c., p. 340).

Nesse movimento ocidental trata-se, portanto, da *transformação de uma forma de propriedade privada em outra forma de propriedade privada*. Entre os camponeses russos, tratar-se-ia, ao contrário, de *transformar sua propriedade comum em propriedade privada*.

A análise feita em *O Capital* não oferece, portanto, razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz sobre ela, e cujo material pesquisei em fontes originais, convenceu-me de que esta comuna é o ponto de apoio para a regeneração social na Rússia; porém, a fim de que ela possa funcionar como tal, primeiro seria preciso eliminar as influências deletérias que a assolam por todos os lados e, então, assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo.

Tenho a honra, estimada cidadã, de ser seu servidor.

Karl Marx

- Europa Ocidental
Propriedade Privada
(Fundada sobre o Trabalho pessoal)
em
Propriedade Privada Capitalista
- Rússia
Propriedade Comum
em
Propriedade Privada

³ *Le Capital*, Éditions Sociales, I, 3, pp. 154 e 156. Em sua carta, Marx sublinhou termos que não estavam sublinhados no original. (Nota do editor francês.) Marx cita o texto da edição francesa de *O Capital*, traduzido por Joseph Roy e revisto pelo autor. Como o texto da edição brasileira foi traduzido do alemão, nele não existe a passagem tal como é citada por Marx, mas o capítulo correspondente é o XXIV do livro I, vol. 2; *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Parte 2.4 Marx e Engels

Introdução

Em 1882 o movimento *narodnik* já entrara em declínio. A liderança do Partido A Vontade do Povo fora executada nos meses seguintes ao bem-sucedido atentado à vida de Alexandre II, deixando a organização praticamente acéfala; A Partilha Negra, liderada por Plekhanov, fora dissolvida, em Genebra, pelos seus próprios dirigentes. Pequenas eclosões de agitação estudantil ainda ocorriam, e grupos diversos tentavam retomar a bandeira deixada pelo A Vontade do Povo. O clima era tenso, e Alexandre III, intimidado pelas campanhas de regicídio, recusava-se a deixar as dependências de seu palácio. Marx e Engels prestam homenagem ao movimento, ironizando a figura do czar, como “...prisioneiro de guerra da revolução.”¹

¹ Sobre o lugar deste prefácio no conjunto da controvérsia, ver a introdução à antologia, capítulo *Socialismo Ocidental e Socialismo Russo*.